



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA:
ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense
20 a 24 de Outubro de 2019
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5367 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT20 - Psicologia da Educação

O tempo como tecido de pesquisa entre educação e saúde.

Janniny Kierniew - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Cláudia Bechara Fröhlich - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Simone Moschen - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

O tempo como tecido de pesquisa entre educação e saúde.

Resumo: Este trabalho apresenta considerações sobre a singularidade da tramitação do tempo em uma pesquisa-intervenção na interface entre educação e saúde. A partir dos pressupostos da arte e da psicanálise, uma equipe de pesquisadores com experiência em formação inicial e continuada em educação aventurou-se no campo da saúde propondo um trabalho de formação continuada, no contexto hospitalar, utilizando-se de narrativas ficcionais como elemento orientador do trabalho. Este texto é resultado dos primeiros movimentos realizados na direção da constituição do território que abriga a intervenção. Nele, discute-se o tempo como um operador incontornável da pesquisa.

Palavras-chave: Psicanálise. Tempo. Metodologia da pesquisa. Formação continuada. Saúde.

O capitalismo é o senhor do tempo. Mas tempo não é dinheiro. Isso é uma monstruosidade. O tempo é o tecido de nossa vida.

Antonio Candido.

Desde meados de 2015, integrantes de um núcleo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em conjunto com um projeto de arte desenvolvido nas ruas da cidade de Porto Alegre, articularam com um hospital geral do município uma relação de parceria estabelecida por meio de ações de extensão universitária. Essa articulação permitiu a proposta de uma pesquisa-intervenção situada na interface entre os campos da arte, da educação e da cultura. Enquanto a extensão universitária armava/inventava diferentes formas de lidar com um saber-fazer junto aos pacientes e de transmitir para a equipe médica a delicadeza e a singularidade sobre os processos de saúde e de doença e sobre a construção desse saber-fazer, a pesquisa buscou investigar estratégias metodológicas capazes de capturar a potência das primeiras ações e de seus efeitos no hospital. Nosso objetivo era o de promover, pela extensão, dispositivos de trabalho, semelhantes ao operar em oficinas, como modo de inserir um contraponto artesanal aos excessos dos processos ditos “duros” de uma Medicina Baseada em Evidências (CARVALHO, 2017).

O estabelecimento da parceria entre a universidade e o hospital foi tecido durante um longo período de aproximação dos pesquisadores ao ambiente hospitalar para o levantamento das demandas e para o desenho das estratégias de intervenção que pudessem sustentar a multiplicidade dos saberes dos profissionais e das instituições envolvidas. Nosso grupo de pesquisa, composto por diferentes profissionais da psicologia e das artes, com distintas vivências junto à formação inicial e continuada de professores, aventurou-se, pela primeira vez, no campo da saúde com o compromisso de propor práticas, na perspectiva de mirar uma transmissão e de colaborar com o campo da educação em saúde. Tínhamos conosco um tempo de experiência em comum, que indicava a potência da narrativa ficcional na formação de professores desafiados a ensinar crianças cujos caminhos de aprendizagem não eram os usualmente descritos pela educação,^[1] e queríamos fazer ressoar esse saber na formação dos profissionais em saúde. Nesse tempo em que a equipe iniciava seu próprio processo de letramento em saúde, foi preciso um longo período até conseguir armar um espaço de trabalho significativo para o contexto e compor as linhas metodológicas para uma pesquisa-intervenção. Como fruto desses esforços de leitura inicial, inauguramos o *Ateliê Jardim de Histórias*, nome escolhido para o dispositivo inventado, e também as primeiras letras escritas desse processo de pesquisa.

No presente trabalho, apresentaremos uma discussão sobre a singularidade da tramitação do tempo na pesquisa que ora compartilhamos – esse tempo necessário à constituição do território que abriga a intervenção que, neste momento, operamos. Nosso intuito é extrair consequências sobre o lugar do tempo em pesquisas cujo desenho comporta a entrada em um campo de experiência, bem como propor uma intervenção que se confunde com o próprio pesquisar. Destacamos o *tempo* como elemento a ser considerado no desenho metodológico de uma pesquisa-intervenção – no caso, a pesquisa que aqui trazemos para a discussão situa-se como pesquisa psicanalítica e, como tal, bebe da impossibilidade de discernir pesquisa e intervenção, ou melhor, inspirados em Freud, clínica e produção teórica.

Desse modo, este texto realiza a trama do fio do tempo com a metodologia de pesquisa, da mesma maneira que propõe a discussão do trabalho desdobrado no campo empírico: por meio de narrativas da experiência, traços paradigmáticos na constituição do fazer. Acreditamos que conferir visibilidade a um tempo da pesquisa que nos parece

inestimável, o *tempo de compreender*, poderá contribuir para discutir o desenrolar de uma multiplicidade de pesquisas em educação, sobretudo no contexto da sua articulação com a saúde.

O vira-lata Celso e a presença de um outro tempo: instante de ver

Celso foi o nome dado ao cachorro que parou ao nosso lado naquela tarde nublada em frente ao hospital. Era o ano de 2015, e estávamos sentadas nos bancos perto dos vendedores ambulantes da calçada quando o cão se aproximou, deitou e dormiu sob nossos pés. Com uma expressão serena e movimentos tranquilos, Celso deu duas voltas em torno do próprio corpo antes de deitar. O trânsito de pessoas, o ir e vir agitado que configura a urgência de um hospital, não foi problema para que Celso tirasse a sua longa e mansa soneca. Era um cachorro vira-lata, de porte médio, branco, com pequenas manchas marrons pelo corpo, de focinho escuro e orelhas baixas. O nome Celso veio quase que instintivamente. Alguém da nossa equipe olhou para seus olhos escuros e disse: “Oi, Celso, que bom te ter aqui.” Dar nome para o cachorro naquele momento fez com que criássemos uma presença íntima, já que nos sentíamos tão estrangeiras em um universo diferente do que costumávamos ocupar. Por certo, não foi à toa que criamos intimidade com um cachorro vira-lata: éramos uma equipe híbrida, vinda de diferentes experiências e curiosa por explorar novos lugares. Assim como um cachorro vira-lata sem dono, que explora a rua sem um destino específico, nos sentíamos errantes, disponíveis aos encontros que o acaso poderia gerar. Estávamos distantes do mundo escolar e acadêmico que normalmente costumávamos habitar, de modo que, tal como Celso, também optamos por ficar paradas ali na calçada em frente ao hospital, num esforço em exercer a calma necessária para buscar entender que lugar era aquele em que tentávamos propor uma pesquisa-intervenção articulando os campos da educação e da saúde. Esse movimento inaugural de ficar na rua, na calçada do hospital, como um tempo de escuta do contexto, disponível para qualquer acontecimento, compôs o nosso primeiro passo na configuração da metodologia de pesquisa que guiou as intervenções que vieram a seguir e que muito ainda guia a nossa prática.

Essa metodologia que carrega consigo um quê de *vira-latismo* nasce inspirada no projeto *Armazém de Histórias Ambulantes*,^[2] em colaboração com o coletivo *A Carroça*, e na concepção da Arte Contextual, descrita por Paul Ardenne, que toma como fundamental a compreensão e a assimilação ao contexto e o conjunto de questionamentos que a pesquisa dá lugar. Paul Ardenne, professor de história e crítico de arte, parte da etimologia da palavra “contexto” (do latim *contextus*, de *contextere*, tecer com) para dizer que a arte contextual é aquela que agrupa as criações que se ancoram nas circunstâncias e se mostram preocupadas em tecer com a realidade (ARDENNE, 2004). Para ele, uma arte que incorpora o contexto é uma arte da ação, da presença e da afirmação imediata, que está diretamente relacionada à realidade concreta à qual o artista/pesquisador se ata. Ou seja, é um modo de estar presente que não apenas considera o contexto como meio de criação, mas que tece com ele, enlaça-se de tal forma que as circunstâncias fazem parte de todo o enredo ao qual se quer vincular. Nesse sentido, as práticas da arte contextual são bem diferentes das que estão em causa na noção tradicional de obra de arte, em que a produção de um objeto – de fruição estética, que se apresenta a um espectador passivo – ocupa o primeiro plano, sendo normalmente intermediada por espaços institucionais de arte (museus, centros culturais, galerias). Na arte contextual, as práticas se inserem no tecido social de forma direta e ativa, com objetivo de transformar as microrrealidades e constituir processos em que as pessoas de determinado contexto possam também participar como cocriadoras. Assim, as práticas que partem do pressuposto da Arte Contextual desconstróem a figura do artista como um ser distinto e portador de um talento individual que o torna capaz de ler o mundo sob uma ótica poética. Antes, o artista/pesquisador é um catalizador de processos de invenção em coletivo, nos quais a própria natureza da intervenção nasce da relação com o outro.

O tipo de prática que está em jogo nos processos concebidos como Arte Contextual é muito próximo dos pressupostos da psicanálise, que se configura como outra baliza teórico-metodológica a orientar nossas ações. Localizamos como operadores das condições de leitura e intervenção dos fenômenos que vivemos no cotidiano do trabalho: a inclusão do pesquisador no campo transferencial onde a pesquisa se desdobra; a atenção equiflutuante como norte de escuta e/ou coleta de dados; e o *a posteriori* como um tempo depois em que os achados encontram as vias para formar uma relação de conjunto, uma vez que sejam tecidos entre si e com a teoria.

O encontro com o cachorro vira-lata Celso, no momento em que nos propusemos a escutar o entorno do hospital, exercendo a disponibilidade para a escuta de um contexto tão distinto daquele a que estávamos acostumados, deu-nos pistas sobre os orientadores metodológicos fundamentais para dar consequências a nosso desejo de estabelecer uma pesquisa-intervenção tecida no enlace entre educação e saúde. Um cachorro que resolve dormir tranquilamente em meio a desconhecidos e que interrompe o ritmo de urgência e emergência do hospital nos mostrou com esse pequeno e singelo ato que seria preciso muito tempo e muita calma para inaugurar o trabalho que pretendíamos ali. Um cachorro de rua que segue seu fluxo próprio e que destoa dos ritmos, das velocidades que o cotidiano impõe, de alguma forma revelou à equipe que seria necessário abrir um tempo diferente, em que a postura da espera seria um dos elementos constituintes do fazer.

A história com o cachorro Celso nos remeteu a outra história, presente no livro *O tempo e o cão*, de Maria Rita Kehl. Nele a autora estabelece uma análise sobre a experiência do tempo na contemporaneidade e sua relação com o incremento de diagnósticos de depressão. O livro inicia com o atropelamento de um cachorro, pela autora, em uma autoestrada. Sem conseguir parar para socorrer o animal, vendo-o pelo espelho retrovisor seguir ferido e com vida, Maria Rita Kehl se vê diante das reações rápidas e instantâneas nas quais somos convocados tanto a responder quanto a passar por cima das próprias ações:

Em questão de segundos, não escutei mais seu uivo de dor nem pude conferir o dano que lhe fiz. O cão deixou de existir em meu campo perceptivo. [...] seu esquecimento se somaria ao apagamento de milhares de outras percepções instantâneas às quais nos limitamos a reagir rapidamente para em seguida, com igual rapidez, esquecê-las. (KEHL, 2009, p.17)

O acidente com o cão, “feioso, cor de cinza sujo”, “magro e esguio” e que “lembrava um parente distante do galgo” (KEHL, 2009, p. 17), impeliu a autora a elaborar um pensamento sobre a brutalidade da relação dos sujeitos contemporâneos com o tempo. Kehl (2009) diz que esse acidente na estrada levou a pensar sobre o vínculo entre as depressões e a experiência do tempo, que “na contemporaneidade praticamente se resume à velocidade” (KEHL, 2009, p. 17). Ou seja, o acidente com um cão que se atravessou na velocidade com que a autora conduzia seu carro disparou a necessidade de pensar sobre as experiências temporais em que o fio do tempo deixa de ser tensionado pelas demandas do cotidiano para ser tecido de um jeito singular, por cada sujeito em seu ritmo próprio, “ao sabor das suas inclinações” (KEHL, 2009, p. 21). O acidente da estrada que colocou o cão diante da morte a fez refletir sobre a experiência com o tempo da mesma maneira que o nosso encontro com o cachorro Celso nos fez (e faz) pensar sobre o tempo e a experiência da temporalidade, enquanto um elemento que precisa ser considerado na composição dos caminhos de uma pesquisa-intervenção. O tempo em seu peso metodológico.

Os tempos para uma intervenção: tempo de compreender I

Desde o encontro com o cachorro Celso, a pesquisa-intervenção no contexto hospitalar ganhou novos e diferentes rumos. Foram necessários pelo menos dois anos para que conseguíssemos armar uma estação de trabalho e mais dois para que começássemos a colher alguns achados da pesquisa-intervenção. O primeiro ano foi todo dedicado ao tempo da escuta e da espera, em que tentávamos encontrar um lugar e uma equipe disponível a troca de saberes. Foram diversas conversas, muitas reuniões e infinitas deambulações nos corredores do hospital, até que conhecêssemos minimamente os espaços e as pessoas envolvidas na instituição. Nesse primeiro momento de aproximação, carregávamos conosco algo de uma urgência, uma certa antecipação de desejos e vontades que insistiam em permanecer. Mas toda vez que sentíamos um avanço no campo empírico, na direção de constituir um lugar de trabalho, algo surgia, fazendo com que uma nova configuração se apresentasse e que aquilo que imaginávamos ter como possibilidade desaparecesse, dando a impressão que tínhamos perdido muito tempo. Não era nada simples, porém precisaríamos sempre nos lembrar do nosso amigo Celso, e em cada novo dia de saída até o hospital tínhamos que atrasar o passo, caminhar com calma e nos demorar um pouco mais pela instituição. Lembrar que o tempo não era em vão e que muito menos o havíamos perdido. Era preciso lembrar, mais uma vez, que não se podia ter pressa, ou melhor, era preciso sustentar aquilo que o escritor Italo Calvino enunciou com o aforisma: “Apressa-te lentamente”. Isto é, era-nos indispensável uma *pressa demorada*, não no sentido de excluir a rapidez, mas antes, uma tentativa de apostar no circuito em que o ato de esperar e a lentidão pudessem carregar consigo as urgências das nossas demandas. Um movimento de ir e vir, em que o hiato entre as duas condições de início e fim fosse a exigência da elaboração para que algo se realizasse.

Esse tempo em suspenso, em que nos vimos diversas vezes durante os primeiros anos de aproximação, evoca a elaboração de Freud (1976) sobre o jogo *fort-da*, apresentada no texto “Além do princípio do prazer” (1920). Ao observar seu neto de dezoito meses brincar com as idas e vindas de um carretel, Freud percebe que a criança se utiliza da brincadeira para lidar com a ausência materna – satisfação pulsional. Ao deixar cair um carretel da cama, que estava ligada a um barbante, a criança dizia *fort*; em seguida, puxava o barbante novamente para si, dizendo *da*. Nesse espaço constituído entre as palavras *fort-da*, algo da ausência é constituído, fundando uma operação simbólica com a qual se renuncia à satisfação pulsional direta e se cria condição para uma mudança psíquica acontecer. Ou seja, na companhia de Freud, entendemos que é no espaço da ausência, no tempo da indeterminação, que a estruturação subjetiva se concretiza. Dunker (2016) lembra que, no âmbito do hospital, a posição médica não cessa de fazer operações cujo objetivo é sempre transformar o indeterminado em determinado, sem um tempo de espera, de intervalo para que algo, uma solução, surja como inesperado, impensado. Para o autor, o adocimento implica uma experiência de saber. Um saber composto pela experiência corporal e pelos seus signos de mal-estar, pelos seus autodiagnósticos que constituem esse saber como indeterminado diante de uma verdade por vir. Assim como nas oficinas que passamos a desenvolver muito tempo depois das aproximações ao hospital, percebemos ser necessário sustentar um tempo para que os pacientes e a equipe pudessem elaborar hipóteses sobre aquilo que se sente no corpo e que não pode ainda ser nomeado. No próprio desenrolar da pesquisa esse tempo precisou se abrir para que as hipóteses pudessem ser erguidas.

O psicanalista francês Jacques Lacan também faz referência a um momento temporal de indeterminação como produtor de uma singularidade subjetiva. No texto intitulado “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada” (1945), Lacan afirma que em termos da psicanálise o sujeito do inconsciente não advém de um lugar nem de uma relação com o espaço, mas de um intervalo, de uma lógica temporal sempre referida ao movimento do outro. Essa proposição de Lacan nos parece muito próxima à frase dita pela artista Lygia Clark: “o ato de se fazer é tempo” (CLARK, 1999, p. 165 apud RIVERA, 2008, p. 228). Nessa expressão, encontram-se condensadas duas assertivas importantes: 1) a ideia de que se fazer (a construção de si) dá-se por um ato; 2) a ideia de que essa construção é tempo (RIVEIRA, 2008). Há, para a artista, a mesma hipótese considerada pela psicanálise, que entende que existe um caminho, um percurso no qual o sujeito vai se fazendo, se construindo e tecendo seus fios na relação com o outro e partir dele. Em meio a esses fios constitutivos, encontramos o tempo como um dos fundamentos da trama subjetiva. Tempo que também é construído por um ato, no qual o sujeito se desloca de seu lugar, numa precipitação que é movimento relativo ao outro, salto em direção ao simbólico.

Para a psicanálise freudolacaniana, é na contingência operada por um tempo intervalar que ocorre um modo peculiar de trama subjetiva, em que o ato de se fazer é tempo, e não uma construção que se faz no tempo. Lacan (1998) parte de um problema lógico, um sofisma intitulado *apólogo dos três prisioneiros*, em que o diretor de um presídio submete três prisioneiros a um desafio, cuja solução determinará a liberdade para apenas um dos prisioneiros. A partir de cinco discos, dois pretos e três brancos, o diretor pede que se cole um disco nas costas de cada um dos prisioneiros. Como estão na mesma sala, cada prisioneiro consegue ver os discos dos outros dois colegas, mas não sabe qual é o seu, tendo, então, que deduzir. Será libertado aquele que primeiro deduzir a cor do seu próprio disco, a partir da observação dos outros. Quem primeiro o fizer, terá que sair pela porta. Durante o período da resolução do problema, os prisioneiros não podem falar entre si, apenas têm a possibilidade de olhar para o disco do seu colega. O que se estabelece entre os prisioneiros é um jogo de adivinhação em que conta a análise dos movimentos em direção à porta e os olhares, o que faz Lacan sugerir que, nesse desafio, está posto três tempos: *instante de ver*, *tempo de compreender*, *momento de concluir*. Desses três intervalos, que decantam também, de uma posição temporal, um saber sobre si mesmo, o primeiro, o *instante de ver*, e o último, o *momento de concluir*, são instantâneos, ou seja, dão-se logo no ato do acontecimento. Já o *tempo de compreender* é o tempo do intervalo, que exige um pensamento mais dilatado, sem que haja uma certeza ou solução definitiva.

O *tempo de compreender* foi - e tem sido - alicerce na constituição de uma metodologia de pesquisa-intervenção que considera os saberes da educação no contexto da saúde e vice-versa. Esse tempo intervalar, que é condição para que o pensamento possa acontecer, sem uma conclusão ou certeza definida *a priori*, constitui o espaço no qual tentamos operar na construção da pesquisa-intervenção.

Quando o tempo não espera, mas a gente sim: tempo de compreender II

Depois de um ano inteiro de aproximações e distanciamentos da intuição, no percurso estendido do tempo em 2015, produzindo em conversa com o contexto e não a partir dele, entramos no segundo ano em direção a constituição de uma pesquisa-intervenção: o ano de 2016. Esse ano inicia em um ritmo mais lento, e o fim do período letivo/acadêmico junto com a chegada do verão tornaram os encontros mais esporádicos e as reuniões com as equipes do hospital cada vez mais escassas. Já não víamos mais o Celso na rua, porém ele seguia conosco, sendo o guardião de uma presença calma a cada momento em que tentávamos ultrapassar a natureza dos tempos. Durante o ano de 2015, além das idas ao hospital, nossa equipe também se reunia quinzenalmente para encontros sistemáticos, a fim de narrar a experiência, compartilhar escritos e discutir os passos seguintes das ações. As reuniões da equipe se configuravam como momentos em que fazíamos a leitura daquilo que estávamos vivendo, quando tentávamos encontrar traços compartilhados que fizessem ponte para as próximas ações. Era como se, a partir do movimento/olhar do outro, tentássemos enunciar a cor do disco em nossas costas (numa referência ao apólogo dos prisioneiros), traçando as coordenadas da pesquisa a cada vez que alguém da equipe fazia hipóteses de leitura sobre o campo empírico em construção. Apostávamos, assim, num *trabalho work in progress*, em que cada encontro nosso indicaria elementos para o próximo fazer.

Em meados de 2016, seguíamos tecendo em companhia, porém um pouco mais distante do campo empírico. Estávamos todos presenciando no Brasil um contexto político turbulento, o que influenciava diretamente na instituição - por se tratar de um hospital público federal, conforme as alterações das diretrizes nacionais, alteram-se também as configurações no âmbito hospitalar. Vivíamos o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, e, com a mudança na estrutura do governo, haveria mudanças em toda a composição da gestão com a qual vínhamos fazendo diálogo durante o ano de 2015. Diante de tal mudança e da incerteza dos novos tempos, nos vimos sem rumos e, mais uma vez, angustiados em face da possibilidade de termos perdido tempo. Até então, tínhamos avançado por alguns setores do hospital e encontrado alguns pontos possíveis de trabalho. Também havíamos realizado breves intervenções em colaboração com o projeto *Armazém de Histórias Ambulantes* e participado de eventos organizados por setores da cultura e do centro de gestão educacional do hospital. No período de um ano e meio, conhecemos algumas pessoas e estabelecemos parcerias; no entanto, como as condições tinham mudado e com a configuração de um novo cenário, as incertezas tomaram conta e ninguém sabia nos dizer como as coisas ficariam dali para frente. Sentíamos a necessidade e a urgência de agir, fazer alguma coisa para que não perdéssemos os fios já constituídos. Entretanto, éramos uma equipe externa à instituição e, perante tal atravessamento social, político e histórico, não tínhamos o que fazer senão esperar; confiar que nossa pressa seria a *pressa demorada*, e que a tramitação desses novos tempos pudessem inaugurar, na mesma medida, novas possibilidades.

É importante dizer que tanto Kehl (2009) quanto outros autores, como, por exemplo, Rodolfo (1990), ressaltam a angústia como pano de fundo do trabalho de simbolização desse tempo intermediário, o *tempo de compreender*. Tempo inerente ao processo de descobrir-se quem se é (qual a cor colada a suas costas) e absolutamente necessário para os desdobramentos da constituição seja de um sujeito, seja de uma pesquisa em curso. Trata-se das angústias das inscrições primeiras, cujo processo de simbolização não deve ser forçado numa precipitação muito apressada que causaria o fechamento do circuito numa conclusão imprecisa, mas promovido por esforços de leitura numa suspensão da experiência que coloca em cena uma dialetização dos dilemas.

Didi-Huberman (1998) comenta que, diante de um dilema, há a necessidade de "se inquietar com o entre" (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 77), ocupar um espaço intermediário que comporta a suspensão e habitar uma zona de movimento dialético, tentando pensar na oscilação contraditória do "movimento de diástole e de sístole (a dilatação e a contração do coração que bate, o fluxo e o refluxo do mar que bate)" a partir de seu "ponto central, que é seu ponto de inquietude, de suspensão, de entremeio". (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 77). Habitar essa zona de indeterminação/suspensão, que é também uma zona de tensão, supõe um intervalo em que não podemos nem atribuir nem negar, nem aceitar ou refutar

qualquer condição. Um *tempo de compreender* que concentra uma substância aberta. A artista Edith Derdyk, em um fragmento intitulado “Investigações sobre a forma”, diz:

Tudo parece concorrer para a evidência de um espaço e um tempo aberto entre o que existe em potencial vagando e pulsando em algum lugar de nosso ser. [...] A conjugação das passagens entre aquilo que é sabido, controlado, esperado, planejado com aquilo que se surpreende pelos seus acasos e arbitrariedades, seus informes: é em algum lugar suspenso num tempo que salta e mergulha, num espaço que emerge e afunda, que o corpo criador arranca, avança e estende suas percepções. (DERDYK, 2012, p.14)

Nessas investigações, a artista busca elaborar considerações acerca de uma metodologia que possa falar do ato criador. Com atenção ao momento *entre* os acontecimentos, *entre* um estado e outro, o elemento tempo salta como uma condição primordial. Sabíamos, desde nossa pequena temporada com o vira-lata Celso, que era imperativo suportar esse lugar de indefinição, para só então criar, compondo o que imaginávamos como intervenção. Mas não era simples permanecer em um espaço *entre* e esperar. Tivemos que aguardar que os acontecimentos daquele ano se acomodassem para que, só depois, encontrássemos novamente um espaço para armar nossa estação de trabalho: um lugar entre educação e saúde. Foi um período que podemos chamar, na companhia de Bloch (2005), de aprender a esperar, de aprender um “ato de espera” que não é resignado, pois “ele é apaixonado pelo êxito em lugar do fracasso”, em que a “a espera, colocada acima do ato de temer, não é passiva como este, tampouco está trancafiada em um nada” (BLOCH, 2005. p. 13). Essa palavra, que remete ao ato de ter esperança, de desejar, pretender, carrega consigo um tempo gestacional em que repousa uma promessa. Lessa (2013, n. p.) afirma que a “espera é o operador necessário que nos ata ao futuro”, um “nexo do qual não podemos abrir mão”.

Uma espera no contexto da pesquisa não é nem silenciosa nem ruidosa, mas atenta aos movimentos do outro (gestão, novas regras, adoecimento de equipes no hospital). Tempo em que se está gestando uma nova encruzilhada nos rumos do pesquisar e que precisa desse deambular do pensamento distraído-atento. Tempo que habita os entrelugares. Tempo das três instâncias formuladas por Lacan, pois somente a vivência do *tempo de compreender* é que permite demorar-se nessa reciprocidade ao outro, articulando os fios do tempo, do *fazer-se* no tempo, ao jogo dos olhares, esforços de leitura do campo empírico em plena construção. Tempo tecido *entre* as idas e vindas no espaço do hospital e que permitiu a elaboração do primeiro dispositivo de trabalho. Tempo que é tão abstrato que praticamente só conseguimos representá-lo sob uma forma espacial.

O tempo da pesquisa: momento de concluir

Depois de dois anos e meio dedicados a aproximações ao contexto hospitalar, em meados de 2017 constituímos a primeira experiência de pesquisa-intervenção: o *Ateliê Jardim de Histórias*. A proposta dessa intervenção foi tecida junto à equipe do Setor de Dor e Cuidados Paliativos^[3] com o objetivo de investigar o papel da ficção como um recurso para o cuidado e o trato com a dor crônica, apostando que as palavras, em sua dimensão criativa, bem como os recursos específicos da arte e da educação, pudessem se situar como elementos constituintes de um dispositivo de tratamento multidisciplinar. O foco da nossa pesquisa-intervenção eram pacientes atendidos pelo setor que possuíam diagnóstico de dor crônica, geralmente associado a fibromialgia e/ou depressão, em que não havia uma relação direta com uma causa orgânica. Após alguns encontros do *Ateliê Jardim de Histórias*, nos quais foi possível testemunhar a instauração da transferência, oferecemos para cada participante uma caixa que pudesse funcionar como um arquivo pessoal ao longo dos dias. Essa caixa seria um baú para o objeto que cada um deveria trazer, sendo o disparador para uma história. A aposta era que a artesanaria das palavras, tecidas pelas histórias e ficções singulares, fizesse um contraponto aos processos hospitalares que focam no corpo como via única de tratamento.

Passamos aproximadamente seis meses em torno das histórias que cada participante tecia nos encontros do Ateliê. Reviramos as caixas e as memórias, onde cada um pôde encontrar os retalhos de narrativas que constituíram um espaço de troca e de compartilhamento da experiência, narrando uma história, uma ficção sobre si mesmo, numa produção de saber e numa responsabilização por seu próprio percurso. Um trabalho intenso de rememoração em que os tempos do presente e do passado formavam os nós das histórias.

Assim, no devagar-depressa dos tempos, em um campo temporal e espacial, tentamos criar as condições para que fosse possível estender um espaço capaz de abrigar o *tempo de compreender* de cada participante. De alguma forma, o Ateliê tem sido essa zona de abertura temporal para que uma indeterminação sobre o processo de uma doença – em que não há muitas evidências orgânicas – possa acontecer. Tal como os pacientes, em uma espécie de dobra, a equipe de pesquisa, primeiramente iletrada em saúde, precisou navegar nos meandros do mesmo *tempo de compreender*, vivenciando as angústias e as incertezas dessa instância temporal (sem desistir nem avançar demais) para que ela mesma pudesse encontrar, no jogo com o movimento do outro, o desenho do dispositivo para propor o trabalho no hospital.

As bússolas metodológicas da psicanálise e da arte oferecem, entre outras coisas, a possibilidade de experimentar outra temporalidade, diferente daquela marcada pelos relógios ou regulada pelas demandas urgentes da vida prática e pelas demandas da cultura. Uma temporalidade mais próxima da temporalidade da pulsação própria do sujeito e da atemporalidade do inconsciente (KEHL, 2009). A possibilidade de encontrar nas palavras e nas narrativas meios pelos quais se inaugura outra condição de sujeito ou a possibilidade de encontro com a criação e a invenção através do campo artístico revelam também outros modos de experimentar o tempo.

O poema "A suposta existência", de Carlos Drummond de Andrade (1980) pergunta: existe o mundo apenas pelo olhar que o cria e lhe confere espacialidade? Existem coisas não pensadas? Uma pinça escondida na gaveta? Nós sozinhos num quarto sem espelhos? Palavra ainda não lida? E nos perguntamos, a partir de Drummond: existe um cão abandonado na rua? Uma dor ainda não nomeada? Uma doença ainda não catalogada? Um tempo numa pesquisa onde nada parece dar mostras de seu fazer? Como pensar esse tempo? Com que materialidade? Nessa aparente invisibilidade das coisas, buscamos dar visibilidade e sublinhar a importância de um "tempo mudo" incluso numa pesquisa. Por um período, durante o ano de 1973, Lygia Clark disse ter ficado sem produzir nenhuma obra, formulando a ideia de que a própria vida seria uma proposição - queria vivê-la, expressar-se nela. Lygia nomeia esse momento de *pensamento mudo*. Isso que era o simples viver sem fazer qualquer proposição era o tempo de um reaprender. Tempo necessário, aparentemente mudo, mas fundamental para a proposição do que estava por vir.

Seguindo na aproximação entre a figura do artista, do psicanalista e do pesquisador, pensamos que nosso papel no hospital, além de articular ensino, pesquisa e extensão, não é a do criador/especialista cujo talento individual é sacralizado e mitificado pela sociedade por sua capacidade de leitura sensível e poética do mundo (do outro), mas de catalisador de processos de invenção em coletivo, nos quais a própria natureza da intervenção nasce da relação com o outro, do jogo em reciprocidade ao outro tramitado pelo *tempo de compreender*.

Referências

- ARDENNE, P. *Un art contextuel*. Création artistique en milieu urbain, en situation, d'intervention, de participation. Paris: Flammarion, 2004.
- CARVALHO, S. Medicina baseada em evidência x psicanálise baseada na ex-sistência. *Revista de Psicanálise Stylus*, n. 34, p. 83-92, 2017. Disponível em: <<http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/27>>. Acesso em: 11 abr. 2019.
- DERDYK, E. *Linha do horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DUNKER, C. I. L. Para introduzir o conceito de sofrimento em psicanálise. In: KAMERS, M.; MARCON, H. H.; MORETTO, M. L. T. (Org.). *Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde*. São Paulo: Escuta, 2016. p. 65-88.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18, p. 12-85. Trabalho originalmente publicado em 1920.
- KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- LACAN, J. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 197-213. Trabalho originalmente publicado em 1945.
- LESSA, R. Uma arqueologia da espera. In: NOVAES, A. (Org.). *Mutações: o futuro não é mais o que era*. São Paulo: Edições Sesc, 2013.
- RIVEIRA, T. Ensaio sobre o espaço e o sujeito. Lygia Clark e a psicanálise. *Ágora*, v. 11, n. 2, p. 219-233, 2008.
- RODULFO, R. *O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

[1] Trata-se da experiência junto a um núcleo interinstitucional dos cursos de Psicologia e Educação, que desenvolveu cursos de formação, em sua maioria, dirigidos a professores do Atendimento Educacional Especializado da rede pública de escolas do Rio Grande do Sul. Neles, a proposição formativa ensinava oferecer condições para que a produção de novas práticas de ensino pudesse emergir entre seus participantes, apostando na força da palavra, do encontro, nas artes e na cadência do tempo (sempre mais distendido).

[2] O *Armazém de Histórias Ambulantes* é um dispositivo armado numa banca itinerante, uma carroça ambulante, que atua nas ruas de uma cidade do Rio Grande do Sul oferecendo aos passantes fotografias descartadas, escritos de gaveta, entre outros produtos gerados em parceria com sua rede de colaboradores espontâneos. A moeda de troca é a disponibilidade de o interlocutor contar uma história.

[3] Cuidados Paliativos são ações de uma equipe multidisciplinar que objetiva a melhoria da qualidade de vida dos pacientes e dos familiares diante de doenças que ameaçam a vida, promovendo o controle da dor e alívio de sintomas, e investindo suas atenções no suporte psíquico, espiritual e social, os quais devem estar presentes desde o diagnóstico até o final da vida.